

A IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA CIENTÍFICA PARA A TEOLOGIA: FÉ VERSUS CIÊNCIA

Pesquisador: James Alan dos Santos Franco
Orientadora: Prof^a Clarabeti Stolochi Neves de Souza
Faculdade Teológica Batista de São Paulo
Departamento de graduação em Teologia
Eixo Temático: Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica
Categoria: Pôster

Este trabalho visa compreender que é possível utilizar a metodologia científica na teologia, diluindo assim o embate: ciência versus fé, que assola muitas pessoas, que ora conflita sua crença na Bíblia Sagrada com as descobertas científicas, ora não aceitando a fé que a Bíblia propõe, pois é demonstrada sem conseguir fazer uma ponte sólida entre a mente de origem científica e as grandezas existentes no Texto Sagrado e as corretas aplicações na vida das pessoas no tempo presente, sejam de origem humilde e simplória, seja de origem da academia científica. Espera-se contribuir para que os teólogos consigam aplicar princípios bíblicos nas circunstâncias reais da vida das pessoas, independente do nível intelectual que possuam.

Utilizaremos ora o termo 'metodologia científica', ora método científico, e ora, ciência, mas nestes termos queremos dar significado de ciência como gênero, método científico como espécie do gênero e metodologia científica, subespécie do gênero, portanto esses termos devem ser entendidos de forma coligadas de forma ampla, sem especificações.

QUATRO TIPOS DE CONHECIMENTO

Antes de falarmos da importância da metodologia científica para teologia, é necessário discorrermos de forma sucinta sobre os quatro tipos essenciais de conhecimento existente: conhecimento popular, conhecimento científico, conhecimento filosófico e conhecimento religioso ou teológico.

Conhecimento Popular, também chamado vulgar, de bom senso, senso comum ou empírico, nasce da experiência do ser humano no dia-a-dia.

Esse conhecimento vem da experiência da vida, ou seja, qualquer pessoa em sã consciência consegue distinguir um cachorro de um gato e um lavrador sabe quando deve preparar a terra para plantar, etc.

O conhecimento popular é valorativo, pois há uma interação entre os valores do sujeito para com o objeto; superficial, pois não se preocupa em responder os porquês dos objetos; sensitivo, pois de forma semelhante ao valorativo depende das vivências, estado de ânimo e emoções da vida diária

do sujeito; subjetivo, pois é o próprio sujeito que organiza suas experiências e conhecimentos advindos por vivência própria da vida: assistemático, pois não visa uma sistematização das ideias, nem na forma de adquirí-las, nem na tentativa de validá-las e; acríptico, pois verdadeiros ou não, não obriga o sujeito a criticar para validação ou não do objeto. Temos que dizer ainda que esse conhecimento é falível e inexato, pelas características já expostas.

O conhecimento filosófico é o esforço da razão pura em questionar problemas humanos e a tentativa de discernir entre o certo e o errado, utilizando apenas as luzes da própria razão humana. Emmanuel Kant vai nos ensinar em sua Obra, *Crítica da Razão Pura*, que existe um conhecimento além do experimental, e chama isso de “a priori” e aquele de “a posteriori”.

Podemos ainda dizer que a filosofia é disciplina que procura encontrar o sentido último de tudo, para isso utiliza-se da razão.

O conhecimento filosófico é valorativo, pois possui como ponto de partida hipótese não verificável, ao contrário do conhecimento científico, que veremos mais para frente. Esse conhecimento não pode ser confirmado nem refutado. É racional, pois se utiliza da razão de forma lógica; sistemático, pois pretende representar coerentemente a realidade estudada, com uma tentativa de totalizar o aprendizado; infalível e exato, pois busca a realidade capaz de abranger todas as outras. Seus postulados, fundamentos, hipóteses, não são submetidos ao teste da observação ou experimentação.

Conhecimento religioso, ou teológico, é a busca da verdade, não pela investigação, mas pela revelação arquetônica, ou seja, a Palavra de Deus. Baseia-se nesta fé: Deus falou aos homens por meio de intermediários que receberam e transmitiram Sua mensagem. É uma reflexão racional e sistemática que parte da fé, sendo esta o seu axioma.

O conhecimento religioso apóia-se em doutrinas que possuem fundamentos sagrados. É valorativo e inspiracional, pois foi revelado sobrenaturalmente a determinados seres humanos de forma sobrenatural; infalível e indiscutível, pois veio diretamente de Deus; sistemático, pois possui origem, significado, finalidade e destino, como obra de um criador divino; não verificável, pois está no âmbito metafísico da fé.

E por fim, chegamos ao conhecimento científico, que será o ponto central deste trabalho, sendo uma conquista recente de nossa sociedade, possuindo pouco mais de trezentos anos. Surge por volta do século XVIII com Galileu (1564-1642). Claro que estamos falando da ciência moderna, pois há fundamentos científicos desde a Grécia antiga, desde o século VII a. C., advindos do conhecimento mítico e empírico.

O conhecimento científico é real ou factual, pois se preocupa com fatos físicos; contingente, pois busca veracidade ou falsidade por meio de experimentação e não apenas pela razão, como é o filosófico; sistemático, pois utiliza-se de um saber lógico, firmado por conjunto de ideias e não disperso e

desconexo: verificável, pois depende de hipóteses e experiências; falível, por não ser definitivo, absoluto ou final, estando sempre em construção e também, por este motivo, aproximadamente exato; e por fim metódico, pois utiliza-se substancialmente de métodos.

COMO SE CONSTITUI O CONHECIMENTO

Após falarmos sobre o conhecimento popular, religioso, filosófico e científico, é importante falarmos sobre o conhecimento propriamente dito, ou melhor, como se dá o conhecimento ao ser humano.

O primeiro fator importante sobre o conhecimento está descrito na obra Teoria do Conhecimento de Johannes Hessen, pag. 15, onde diz:

A reflexão do espírito sobre si mesmo é o meio e o caminho para chegar a uma imagem do mundo, a uma visão metafísica do universo. Podemos dizer, pois, em conclusão: a filosofia é uma tentativa do espírito humano para chegar a uma concepção do universo por meio da auto-reflexão sobre as suas funções de valor teóricas e práticas. Conseguimos esta definição de filosofia por um processo indutivo. Mas podemos completar este processo indutivo com um processo dedutivo.

O conhecimento filosófico é dirigido para a totalidade das coisas, e o conhecimento científico é dirigido para as parcelas da realidade.

Hessen(1976, p.25/28), vai ainda escrever sobre a Teoria Geral do Conhecimento, e como se dá a interpretação filosófica do conhecimento humano. Vai dizer que no conhecimento encontram-se frente a frente a consciência do sujeito e o objeto, e que o conhecimento é a relação entre ambos.

Essa correlação entre ambos ocorre com a apreensão do sujeito pelo objeto, onde há uma saída do sujeito para fora da sua esfera, invadindo, assim, a esfera do objeto e uma assimilação das propriedades deste.

Claro que o objeto não vem por inteiro para o sujeito, mas há alterações neste em função do conhecimento gerado.

Esse conhecimento é, em última análise, uma imagem do sujeito pelo objeto, ou seja, apenas traços do objeto e não a sua totalidade ou integralidade. Esse é o maior problema sobre a teoria do conhecimento, pois aquilo que o sujeito apreende do objeto é a sua totalidade e verdade, ou é a sua ótica, partes do objeto que são apreendidas. Portanto, conhecimento é, em síntese primária, subjetivo e secundário, objetivo, através de métodos científicos que têm como objetivo descrever premissas sobre o objeto.

NATUREZA DA CIÊNCIA

Passados as quatro espécies de conhecimento que entendemos serem os quatro pilares de todo o restante do pensamento, seja ele qual for e como se dá o conhecimento, passamos a afunilar o estudo para a importância da metodologia científica para teologia, mas antes de aprofundarmos o tema é importante falarmos sobre a natureza da ciência.

A palavra ciência possui dois significados, um *lato sensu*, conhecimento, e outro *stricto sensu*, não apenas o registro e apreensão de fatos, mas demonstra efetivamente suas causas constitutivas ou determinantes. Portanto, a ciência possui duas naturezas: a primeira e mais simples, é a ciência sobre algum objeto; a segunda é o aprofundamento no objeto para conhecer seus inícios, causas e consequências.

CLASSIFICAÇÃO E DIVISÃO DA CIÊNCIA

Da mesma forma que o universo é infinito, conhecê-lo demandaria uma infinidade de tempo, tempo que não possuímos, pois se fosse possível a ciência seria una e infinita. Devido às suas próprias limitações, a ciência exige uma fragmentação do real, para ser viável, e com isso, surgiu a pluralidade das ciências e suas classificações e divisões.

Uma das primeiras classificações foi estabelecida por Augusto Comte, descrita na obra de Marconi e Lakatos (2004, p.25/26), e utilizou uma ordem crescente de complexidade apresentada da seguinte forma: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia, Sociologia e Moral, dentre outras, tais como: ciências matemáticas, físico-químicas, biológicas, morais, metafísicas dentre outras.

MÉTODOS CIENTÍFICOS

Passados as quatro formas básicas de conhecimento (popular, teológico, filosófico e científico), a natureza da ciência e suas possíveis divisões, surge outro fator importante, que está diretamente ligada com nosso tema (a importância da metodologia científica para teologia), a ser analisado. São os métodos científicos.

Não há ciência sem métodos científicos, portanto conhecer os métodos científicos é aprender a fazer ciência.

O inglês Francis Bacon (1561-1626), é considerado o fundador do método indutivo de investigação científica,

O italiano Galileu Galilei (1564-1642), foi o pioneiro a tratar do tema, onde afirmou que as ciências não têm como principal foco presunção de qualidade, mas de quantidade, onde seu método pode ser descrito como indução

de certo número de casos particulares, analisando o fenômeno em suas partes e em seus elementos constitutivos, levando a propor hipóteses ou tentando explicar os elementos que constituem o fenômeno. Daí se reproduz o fenômeno e, à medida que a hipótese vai sendo confirmada, vai se transformando em lei.

Enquanto Bacon, na Inglaterra, coloca as bases do método indutivo, e Galileu, na Itália, do experimental, René Descartes (1596-1650), na França, sustenta o método matemático-dedutivo, ou seja, do geral para o particular, dando início ao pensamento racionalista moderno. Surge, então, a ciência moderna, aquela que tentou através dos métodos científicos trazer respostas e entender os fenômenos, suas causas, efeitos e consequências.

A IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA CIENTÍFICA

Portanto, a metodologia científica não pode ser colocada de lado pelos teólogos, pois possui grande valia para a teologia, conforme escreveu Karl Rahner em sua Obra, Teologia e Ciência, na pag. 20:

Verdade de Deus e imagem do mundo são duas coisas diferentes. Hoje compreendemos que não podemos talhar uma imagem de Deus com o material deste mundo. O intelectual contemporâneo deveria assumir a tarefa – que é ao mesmo tempo dor e graça – de recolher esta experiência, de não sufocá-la apressadamente numa apologética barata em favor de uma “crença em Deus” antropomórfica, de interpretá-la corretamente, isto é, de compreender que ela em realidade não tem nada a ver com o ateísmo no sentido próprio. Reconheçamos tranquilamente a dificuldade da fé. Não há mal nenhum nisso. Não podemos fazer a experiência da ação de Deus no mundo, de maneira tão ingênua, como o fizeram os séculos passados. Isso não é mais possível, não porque Deus esteja morto, mas porque se tornou maior, mais difícil de nomear, mais profundo, mais incompreensível.

Com o advento dos métodos científicos, Deus não foi para o cemitério, como alguns disseram, mas tornou-se maior e mais distante. Portanto o teólogo precisa compreender as diferenças entre o mundo físico e o mundo metafísico, para assim os métodos serem melhores utilizados. O desencantamento com o mundo ocorrido nos últimos duzentos anos precisa encontrar pouso, não porque a ciência demonstrou falhas em Deus, mas sim, demonstrou que o homem está diante de dois mundos infinitos e incompreensíveis em sua totalidade: o mundo físico e o mundo metafísico, onde a existência de um não anula a existência do outro, e conhecer demasiadamente um em detrimento do outro, em tempos contemporâneos, é fechar os olhos para um desses mundos. Portanto, o teólogo precisa entender através dos métodos científicos, a grandeza do mundo físico, sem deixar que isso ofusque seu sentimento pela grandeza de Deus. Não parece, mas um dos grandes problemas desta

geração é tornar-se fanático por Deus, ou fanático pelo mundo científico, pois quando isso ocorre, nos tornamos extremistas radicais, que não dialogam com os desiguais, nem amam mais o próximo, apenas nos tornam-se cegos na fé, construindo para si pseudociências ou pseudo-religiosidade.

Tanto é verdade que Michel Foucault, em sua obra, “A Arqueologia do Saber”, pag. 201/205, escreveu, dentre outras coisas, sobre a existência de disciplinas científicas e pseudocientíficas, onde demonstra que disciplinas como psiquiatria e arqueologia fazem parte do rol de pseudociências. Pois, se ciência possui organização, coerência e demonstratividade, a arqueologia não consegue preencher esses requisitos, onde, no máximo, serve como isca para a descrição de eventos ou épocas. A mesma característica ocorre com a medicina clínica, pois seguramente não pode ser chamada como ciência, devido ao fato de não responder aos critérios formais, não atingindo o nível de rigor que se pode esperar da física, da química ou mesmo da fisiologia, tratando-se apenas de acúmulo organizado de observações empíricas, de tentativas e resultados brutos, de receitas, de prescrições terapêuticas.

Outra assertiva que Foucault ensinou nesta Obra, pag. 205/206, diz respeito sobre o saber, quando disse:

As positivities não caracterizam formas de conhecimento – quer sejam condições a priori e necessárias ou formas de racionalidade que puderam, por sua vez, ser empregadas pela história. Mas elas não se definem, tampouco, o estado dos conhecimentos em um dado momento do tempo: não estabelecem o balanço do que, desde aquele momento, pôde ser demonstrado e assumir status de aquisição definitiva; o balanço do que, em compensação, era aceito sem prova nem demonstração suficiente, ou do que era admitido pela crença comum ou requerido pela força da imaginação. Analisar positivities é mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos de enunciados, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas. Os elementos assim formados não constituem uma ciência, com uma estrutura de idealidade definidas; seu sistema de relações é, certamente, menos estrito; mas não são, tampouco, conhecimentos acumulados uns ao lado dos outros, vindos de experiências, de tradições ou de descobertas heterogêneas e ligados somente pela identidade do sujeito que os detém. Eles são a base a partir da qual se constroem proposições coerentes (ou não), se desenvolvem descrições mais ou menos exatas, se efetuam verificações, se desdobram teorias. Formam o antecedente do que se revelará e funcionará como um conhecimento ou uma ilusão, uma verdade admitida ou um erro denunciado, uma aquisição definitiva ou um obstáculo superado.

Portanto, o Teólogo precisa conhecer aquilo que é verdadeiramente ciência e aquilo que é pseudociência, para não cair no erro de minimizar a visão científica como sendo algo infalível e perfeito, e sim colocá-la no seu verdadeiro local e entender sua real importância, para com isso poder ajudar as pessoas de forma mais completa em seus problemas reais, quando assim o for, e

metafísica e espiritual, quando, também, assim o for, fugindo das pseudociências e pseudo-religiosidades.

O teólogo que utiliza de métodos científicos consegue levar verdades metafísicas para a vida real das pessoas, e não apenas ficar discursando ideias quase que gnósticas sobre Deus.

Outro fator de importância, e não menos que o primeiro, é afastar dúvidas existentes na mente de muitos, sobre a existência de Deus, em detrimento das minimizações das verdades científicas, pois a ciência e seus métodos estão numa parte muito pequena da realidade do universo, portanto, a maior parte continua desconhecida e grandiosa. Com o advento da ciência moderna, surgiu a tentativa de anular Deus, mas entender a real importância dos métodos científicos, seus méritos e deméritos, faz com que, em nossa mente, Deus continue vivo e presente, talvez não na medida da cosmovisão de nossos antepassados, mas de uma forma mais grandiosa, poderosa e complexa. Com isso, Deus e ciência podem coexistir, sem um anular o outro, com isso o teólogo conseguirá interagir com ambos nas devidas e próprias necessidades, anulando qualquer tendência gnóstica ou existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Teólogo precisa, fundamentalmente, além de ser um ótimo conhecedor da Bíblia Sagrada, ser conhecedor dos métodos científicos, saber o seu verdadeiro lugar para não confundir, nem minimizar, nem tão pouco, radicalizar aspectos bíblicos que são visto pela ciência com certa reserva, ao contrário, precisa ampliar sua cosmovisão para com isso aplicar a Bíblia na vida real e física das pessoas, se tornando assim, um profissional completo, que vai saber o lugar da Bíblia (Deus), na vida do ser humano e vai saber o lugar da ciência na vida do ser humano e como vencer a crise ciência versus fé.

Quando o teólogo aprender a dialogar com a ciência (métodos científicos), dará um passo maior na aplicação dos princípios bíblicos na vida do homem contemporâneo, fato semelhante ao ocorrido quando os teólogos foram bombardeados pela Era das Luzes (iluminismo), e ao invés de se fecharem em suas cosmovisões, se abriram, foi quando introduziram nos cursos de teologia o estudo das línguas originais (grego e hebraico), Geografia Bíblica e a Arqueologia Bíblica, trazendo assim um enorme avanço às interpretações do Texto Sagrado, que em consequência, conseguiu dialogar com o homem/mulher do seu tempo.

Hoje o desafio é fazer teologia à luz do nosso tempo, sem com isso perder a fé, ou matar a ciência para manter a fé.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. 6ª Edição. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento. 7ª Edição. Coimbra, Portugal, 1976.

KANT, Emmanuel. crítica da razão pura. Rio de Janeiro: Edições de Ouro.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2004.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. Tratado de Metodologia Científica.

RAMPAZZO, Lino. Metodologia científica. 3ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005.

REIS, Homero Barbosa. FÉ E RAZÃO: Contradição ou Harmonia. Brasília.

RAHNER, Karl. TEOLOGIA e CIÊNCIA. São Paulo: Edições Paulinas, 1971.

TEOLÓGICA. N. 6, ano V – 2009.